

Impressões de Valparaíso nas primeiras crônicas de Joaquín Edwards Bello

Prof. Dr. Esteban Reyes Celedón (UFAM)

Resumo:

Chile, início da década de 20, o porto de Valparaíso, para o olhar do “literato” da cidade – Joaquín Edwards Bello- prêmio Nacional de Literatura (1943) e Jornalismo (1959), se desvenda como “a sede da inquietude e da evolução” onde tudo é novidade. Ao contrário da Capital, Santiago, que conserva a herança colonial espanhola, a cidade de Valparaíso, capital da província com o mesmo nome, a cem quilômetros da sede presidencial, é uma original mistura de artefatos e estruturas da modernidade alemã, belga, inglesa e norte-americana. A cidade do comércio, Pérola do Pacífico, se abre para a modernidade anglo-saxão. Nas ruas estreitas do centro bancário, todos falam da Bolsa, mas ninguém menciona a Literatura: “em Valparaíso não há arte”, “o jardim não tem amor, e até os passarinhos parecem cantar números”. A crônica de Edwards Bello clama por “um futuro próximo ou distante” em que o porto será a capital Nobel da Poesia chilena.

Palavras-chave: Joaquín Edwards Bello, Crônica Valparaíso, Crônica urbana.

1 Introdução

Assim como no início da vida na terra, uma crônica começa com calor. Que calor! Pelo menos é o que nos ensinou o grande Machado de Assis¹. Prova indiscutível é que Adão andava nu no paraíso. Porém, não há provas de que a crônica tivesse começado mesmo no paraíso. Bem, se não foi no paraíso, talvez foi em Valparaíso, talvez Machado confundiu os nomes. Susana Rotker, no seu livro *La invención de la crônica* (p.33), nos diz que a crônica latino-americana, como a entendemos hoje, crônica urbana, começou nos jornais, mais especificamente em *La Nación* de Buenos Aires e *La Opinión Nacional* de Caracas, com as crônicas de José Martí, seguidas pelas do poeta Ruben Darío. É unânime que sem jornal não há crônica (Cf. MORALES, 2009. p.66). O jornal e a crônica tem algumas bases em comum. Jornal, como jornada, fazem referência a o dia. O jornal traz as notícias, as informações, as curiosidades diárias da urbe, numa linguagem não especializada, comum, para um público leitor, não especializado, comum, desejoso por cultura geral, sensível às novidades do tempo, da modernidade. Estruturalmente, o jornal é

¹ “Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e la glace est rompue está

um lugar de escrita (e de leitura), regido pela descontinuidade, pela fragmentação (Cf. MORALES, 2009. p.66). A crônica tem as mesmas características, é destinada a um público leitor com as mesmas inquietudes do leitor de jornal. Crônica faz referência a cronologia, ao tempo sucessivo, o tempo regido por *Chrónos*. Sendo assim, tanto o jornal quanto a crônica trazem em sua essência semântica e ontológica o tempo. O tempo que passa, que corre, o tempo moderno, o tempo da novidade. O tempo do futuro, mas sem passado. A crônica não fala de ontem, fala de hoje, olhando para o amanhã. A crônica é escrita para desvendar o tempo moderno, o cotidiano veloz, a matéria fungível; a crônica é descartável, mais do que qualquer outro produto da modernidade. O jornal de ontem serve para embrulhar o peixe de hoje, a crônica, nem isso. A crônica de ontem não serve para nada; é inútil, como a arte. E por ser inútil, por ser arte a estudamos e valoramos. Então, agora vou falar um pouco de crônicas passadas, do século passado, da década de 20; não da crônica do paraíso, mas a de Valparaíso.

2 Edwards, vida e obra

A poetisa chilena Gabriela Mistral (1889-1957), premio Nobel de Literatura em 1945, falava com admiração do escritor mais crítico da sociedade chilena do início do passado século (*hijo más reprendedor de su patria no le nació a nuestro Chile*) (ICARITO, 2010. p.1). Trata-se de Vitor Lorenzo Joaquín Edwards Bello, que nasceu na cidade portuária de Valparaíso a 10 de maio de 1887. Por parte de pai, vem de uma família de comerciantes, políticos e donos do banco *Edwards* e do jornal *El Mercurio*. Já por parte de mãe, descendia de Andrés Bello (1781-1865) filósofo, poeta, educador, jurista e político venezolano que viveu no Chile seus últimos 36 anos; foi o primeiro reitor da Universidade do Chile.

Joaquín Edwards Bello começou sua vida literária ainda no tempo de estudante². Com a colaboração de amigos fundou duas revistas de literatura. *La Juventud* teve seu primeiro número publicado em março de 1901. Em 1910 publicou seu primeiro romance, *El inútil*, obra altamente crítica e de espírito rebelde. Na mesma época realiza intenso trabalho jornalístico publicando regularmente, primeiro no jornal *El Mercurio* e *La mañana*, depois em *La Nación*, com a seção “*Los lunes de Joaquín Edwards Bello*”.

começada a crônica...” (ASSIS, 1994, p.13).

² Para esta parte, Cf. MEMORIA CHILENA.

Publica outros romances, *El chileno en Madrid* e *La chica del Crillón*, de estética naturalista, estas obras descrevem e desvendam o espírito da sociedade santiaguina da época que procurava por uma identidade nacional. No ano de 1927 lança *El Roto*, que causou um grande escândalo por falar dos malandros santiaguinos e do ambiente dos prostíbulos. Em 1931 homenageia sua cidade natal em *Valparaíso, la ciudad del viento*. Posteriormente publicada com o título *En el Viejo almendral* e em 1955 aparece como *Valparaíso, Fantasma*.

Seus romances, assim como suas crônicas, são urbanos, criticam a sociedade chilena pelos seus vícios e injustiças sociais. Irreverente, não exita em descrever a cidade e seus personagens burgueses e populares, ricos e pobres, educados e excluídos. Sobre Valparaíso são também inúmeras crônicas publicadas em sua maioria no jornal *La Nación* do seu amigo Eliodoro Yañez (1860-1932), jornalista, advogado e político chileno. O romancista, poeta e crítico literário Alfonso Calderón (1930-2009) dedicou boa parte do seu trabalho a fazer várias edições das crônicas de Edwards. Mais recentemente, desde 2010, Roberto Merino (1961) vem editando as *Crónicas Reunidas* de Joaquín Edwards, até 2012 já saíram quatro volumes: 2010: I (1921-1925) y II (1926-1930); 2011: III (1931-1933); 2012: IV (1934-1935).

Durante sua vida, Edwards recebeu vários prêmios, os principais foram: Prêmio Nacional de Literatura, 1943; e, Prêmio Nacional de Jornalismo, 1959. Em 1960 teve problemas sérios de saúde que o debilitaram e o deixaram num estado de angústia insuperável. Na manhã do dia 19 de fevereiro de 1968 suicida-se com o revólver herdado do seu pai, um Colt, calibre 38 na cidade de Santiago, onde residiu seus últimos anos.

Edwards escreveu ao redor de dez mil crônicas durante meio século de intenso trabalho literário e jornalístico (Cf. TEILLIER). Foi testemunha e ator do existir urbano; incitador da reflexão; um homem do tempo presente: eu quero ser entendido agora e não de aqui a um século, dizia (TEILLIER). Aqui estamos nós, quase um século depois, lendo as crônicas deste filho ilustre de Valparaíso. Edwards, nas suas crônicas, revela uma situação biográfica da cidade fragmentada; ele é uma espécie de fotógrafo do mundo da vida cotidiana: dos lugares, dos prédios, das pessoas, do seu modo de ser e aparecer, da forma de pensar e de atuar. Mais do que revelar as singularidades públicas do indivíduo urbano, a crônica revela o íntimo e o público do existir do seu leitor. Se, historicamente não há crônica sem jornal, tampouco há crônica sem um leitor morador singular da cidade, cuja vida cotidiana transcorre na velocidade infinita do tempo moderno, um tempo urbano

fugaz, instável. São rascunhos de vida, sempre provisórios (MORALES, 2009. p.69), sempre por vir: devir, devenir. Um estar instantâneo no mundo, na cidade, na velocidade, no tempo.

Até os dezessete anos, Edwards morou em Valparaíso. Depois viaja para Europa, volta, viaja novamente, inclusive passa pelo Brasil; se radica na capital, Santiago, mas sempre tem de voltar, de trem, ao porto que o viu nascer. Edwards tem uma atração intensa pela velocidade de Valparaíso, pelo cheiro, pelo vento, pelo horizonte infinito do pacífico, pela instabilidade da bolsa, pelo comércio agitado. Valparaíso é a porta de entrada para o novo, para a modernidade, para o francês, inglês, alemão, americano. Diferente de Santiago que é conservador, continua sendo espanhol. Selecionamos, desta vez, um grupo de crônicas, das primeiras crônicas publicadas por Edwards, dedicadas à cidade do vento, à pérola do pacífico.

3 Edwards e suas crônicas

Na já mencionada edição de Roberto Merino, no primeiro volume, *Crônicas Reunidas (I) 1921-1925*, encontramos o nono capítulo com o título *Valparaíso*. Trate-se de um grupo de crônicas publicadas entre o 13 de maio de 1922 e o 23 de fevereiro de 1924: *Valparaíso ayer y hoy; Impresiones de Valparaíso; Greguerías veraniegas; De todo un poco; Notas porteñas*. É sobre elas que vamos fazer nossas primeiras reflexões das crônicas de Joaquín Edwards Bello. Esta delimitação se justifica, pois nosso tema de interesse é mesmo a cidade, e, a pesar de haver outras crônicas, por exemplo sobre Santiago, nos fixaremos em Valparaíso por ser a cidade natal do autor e centro intelectual chileno, mesmo que, na década de 20 ainda fosse pouco significativa desde o ponto de vista artístico e literário.

Após oito anos de ausência, a causa de uma longa viagem e estadia na Europa, principalmente Paris, o já sólido escritor volta ao porto de Valparaíso. De imediato, assombra-se pela quase irreconhecível cidade. Não fosse pelo mar e pelo forte e frio vento do pacífico, o porto não seria o mesmo porto da sua infância, de final de século XIX. Agora, já na segunda década do século XX, do século da modernidade, Valparaíso exala velocidade e novidade. A arquitetura mudou, não tanto pelos efeitos do grande terremoto que devastou a cidade e obrigou a se reerguer, quanto por esse novo espírito de negar o antigo e querer sempre o novo.

Oito anos depois, pouco da cidade falava do seu passado: as casas mudaram, as ruas mudaram as pessoas mudaram-se. Tudo se transformou de uma maneira radical e diabólica, verdadeira metamorfose (EDWARDS, 2008. p.481). Edwards sentiu-se o único sobrevivente de uma batalha, a batalha do tempo. “*El puerto de ayer, mi puerto de niño se fue, no quedó más que una sombra, un fantasma del pasado*” (p.482) (O porto de ontem, meu porto de menino foi-se embora, só restou uma sombra, um fantasma). Tudo no porto vai embora e é substituído no mesmo instante. A palavra que mais identifica ao novo cidadão portenho (do porto de Valparaíso) é “partir”, ir embora, fugir (p.483). Bate a saudade a melancolia “*El parque era mejor antes*”, a cidade passada era melhor do que a cidade irreconhecível do presente. Mas como aquilo que não existe pode ser melhor do que a realidade? Os novos portenhos se orgulham dessas rápidas mudanças, dessa violenta e rápida transformação. Ninguém mais quer lembranças, recordações inúteis; ninguém mais suporta a poeira do estático, do velho, do inutilizado. Todos querem o brilho e a utilidade do moderno, do que vem de fora, daquilo que cruzou o atlântico ou desceu desde o Norte de América (p.484). O passado é um fantasma desprezível. As pessoas não querem livros, preferem água e eletricidade (p.485). O que não mudou foi o vento que assobia no alto dos morros, como tampouco mudou a topografia vertiginosa, “*Valparaíso tiene angulosidades y extravíos de dibujo cubista*” (p.487).

Com lucidez própria, Edwards lembra de que até os nomes dos morros são irônicos, como por exemplo o “cerro Alegre”, onde ficava sua escola inglesa de Mister Mac-Kay. Como irônico também é ter uma linda e nova biblioteca, mas quase sem livros. - Hoje, após quase um século, essa mesma biblioteca, ironicamente, está ainda mais linda, iluminada e repleta de livros, inclusive dos livros de Joaquín Edwards Bello -. Outra ironia portenha são as festas dos incêndios. Pois é, incêndio é sinônimo de festa, por dois motivos: um porque todo portenho é bombeiro; segundo, porque no lugar do antigo prédio consumido pelas chamas, será construído outro novo, moderno (p.499). Os bombeiros de todo Chile são uma instituição cívica espontânea que não tem igual no mundo todo. Os bombeiros são voluntários, ninguém precisa ser pago para ir a uma festa. Há até literatos bombeiros, nos diz Edwards. O portenho não precisa de teatro, tem os incêndios (p.501).

Para Valparaíso a literatura é uma bobagem, coisa de ingênuo, que faz perder no homem o caráter de seriedade burocrática e comercial. A literatura é antipática para Valparaíso da década de vinte. Contudo, Edwards é o literato desse porto de números, não de letras. Contudo, ele se orgulha de ser portenho e de ser escritor (p.503). Contudo, ele faz

da sua obra uma homenagem a essa cidade do vento, do instante, do agora, da velocidade vertiginosa, das imagens cubistas. Valparaíso dos contrastes, do rico comerciante, do pobre estivador, do jogador na Bolsa, da prostituta que se vende qualquer investidor. Valparaíso que também tem seu literato e que num futuro próximo terá vários outros.

Sensível e perspicaz, Edwards observa a antiga sociedade portenha, servil do capital estrangeiro, que começa a querer estudos e cultura geral. Os filhos agora querem ser cidadãos. “O resultado se verá mais tarde” profetisa o cronista de olhar aguçados (p.511). Valparaíso é sede da inquietude e da evolução, tudo é novidade que vem de longe: Alemanha, Bélgica, Inglaterra, França e Estados Unidos. Não se vem mais lembranças da colonização espanhola. As mulheres também querem ser modernas, europeias, até os nomes são diferentes dos nomes de origem espanhola das mulheres de Santiago; elas dançam, jogam golfe, conhecem o funcionamento da bolsa de Valores (p.512-3). No centro de Valparaíso há ruas tipicamente inglesas com bares, torres e um relógio como o de Londres.

Mas com tristeza, Joaquín Edwards observa que a cidade não tem arte (p.513), nem vibrações de nenhum tipo, além de vibrações comerciais; sequer vibra com a política. Os embriões de artistas são rapidamente condenados a morrerem. Tudo se cotiza de imediato. Tudo e todos são números, cifras. Indaga-se atônito o cronista: onde ficaram os suspiros de Abelardo, a languidez de Julieta e as risadas de Grécia?

Conclusão

O jardim não tem amor e até os passarinhos parecem cantar números. O poeta Ruben Darío por Valparaíso passou, ficou algum tempo e escreveu sublimes versos, mas teve que partir para salvar sua arte (p.514). Nas ruas estreitas do centro da cidade se fala de números, ninguém fala de letras, ninguém fala de Gabriela Mistral nem de arte nacional. Despreza-se a arte como manifestação secundária (p.515). Esquecem que o apogeu da Grécia valorizava Hermes, Apolo e Afrodite; esquecem também que artistas foram os grandes legisladores: Péricles, Salomão, David, Júlio César, Napoleão. Ignoram que não há progresso sem arte, sem Apolo, sem beleza, sem estética. Uma das causas da crise chilena seria a falta de arte, afirma o cronista (p.515).

As artes, as letras não deixam nada, como as flores num banquete, não deixam nada. Inutilidade. Versos, flores, acordes de lira, suspiros de Julieta não deixam nada, não

tem cotização. Porém, num futuro próximo, o valor das ações servirá para comprar versos, suspiros, acordes, sem os quais a vida não tem explicação. Quando esse dia chegar, haverá amor no jardim e os passarinhos cantaram a inutilidade do existir, a beleza do instante, talvez o paraíso.

Referências Bibliográficas

- 1] ASSIS, Machado de. “O nascimento da crônica”. In **Crônicas Escolhidas**. São Paulo: Editora Ática, 1994. p.13, extraído do livro "As Cem Melhores Crônicas Brasileiras", Organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 27. Disponível em: http://www.releituras.com/machadodeassis_nascimento.asp. Acesso em: 18 fev. 2013.
- 2] EDWARDS BELLO, Joaquín. **Crônicas reunidas**. (I) 1921-1925. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2008.
- 3] ICARITO. Joaquín Edwards Bello. In **Icarito**, Enciclopedia digital on-line. 2010. Disponível em: <http://www.icarito.cl/biografias/articulo/e/2009/12/240-7121-9-edwards-bello-joaquin.shtml>. Acesso em: 13 fev. 2013.
- 4] MEMORIA CHILENA. Joaquín Edwards Bello (1887-1968) in **Memoria Chilena**, 2004. Disponível em: [http://www.memoriachilena.cl/temas/index.asp?id_ut=joaquinedwardsbello\(1887-1968\)](http://www.memoriachilena.cl/temas/index.asp?id_ut=joaquinedwardsbello(1887-1968)). Acesso em: 13 fev. 2013.
- 5] MORALES, Leonidas. Joaquín Edwards Bello: Crónica y crítica de la vida cotidiana chilena. In **Revista chilena de literatura** nº 74, 2009, p. 57-78. Disponível em: <http://revistachilenadeliteratura/74/morales>. Acesso em: 23 mar. 2013.
- 6] NERY, Alfredina. Crônica: Gênero entre jornalismo e literature. In **Página 3**. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/cronica-genero-entre-jornalismo-e-literatura.htm>. Acesso em: 16 fev. 2013.
- 7] ROTKER, Susana. **La invención de la crónica**. Mexico: Fondo de cultura Económico, 1992. Disponível em: <http://giovanni-anticonna.blogspot.com.br/2011/06/la-invencion-de-la-cronica-de-susana.html>. Acesso em: 28. jul. 2013.
- 8] TEILLIER, Jorge. Conversación póstuma com Joaquín Edwards Bello in **Árbol de Letras**, Santiago, Nº 4 (03.1968), p.30-31. Disponível em: <http://www.uchile.cl/cultura/teillier/arttyentrev/13.html>. Acesso em: 23 mar. 2013.